

POR UMA ECOLOGIA INTEGRAL: A ENCÍCLICA SOBRE O AMBIENTE, DO PAPA FRANCISCO

Matias Martinho Lenz¹

Resumo: O objetivo do artigo é fazer uma apresentação da *Encíclica Laudato Si'*, lançada no dia 18 de junho de 2015, pelo Papa Francisco, no Vaticano.

Palavras-chave: Encíclica *Laudato Si'*. Papa Francisco. Ecologia Integral.

1 INTRODUÇÃO

Que mundo queremos deixar para nossos filhos e netos, para as gerações que vão nos suceder? Essa pergunta serve de fio condutor para entender a Encíclica de Papa Francisco “*Laudato Si'*, *Louvado Sejas*, - *Sobre o Cuidado com a Casa Comum*”¹, lançada no Vaticano em oito línguas no dia 18 de junho de 2015. A encíclica conta com seis capítulos, divididos em 246 parágrafos (mencionados nas citações a seguir). Texto é denso e usa uma linguagem moderada, mas a mensagem é forte.

Esta encíclica situa-se na tradição das grandes encíclicas sociais da modernidade, como a *Rerum Novarum* (sobre a questão operária, 1891), de Leão XIII e a *Mater et Magistra* (Mãe e Mestra, 1961), de João XXIII. Ou ainda a *Laborem Exercens* (Sobre o Trabalho Humano, 1981), de João Paulo II. Na *Centesimus Annus* (no Centenário da *Rerum Novarum*, 1991), o Papa João Paulo II aborda o debate ecológico e se preocupa com a revolta da natureza, “tiranizada” em vez de “governada” pelo homem. Atento aos problemas do nosso tempo, o Papa Francisco lança esse texto, que pela primeira vez tem a ecologia como tema central de uma encíclica papal. Apresenta “uma reflexão jubilosa e ao mesmo tempo dramática” (246).

O nome da encíclica é inspirado no *Cântico das Criaturas*, de S. Francisco de Assis, “*Laudato Si', mi' Signore*” (“*Louvado sejas, meu Senhor*”). A terra é tanto nossa irmã como nossa mãe. A terra, nossa casa comum, maltratada e saqueada, geme, como gemem os excluídos. A encíclica lança um apelo à conversão

Doutor em Sociologia. Capelão da Universidade Católica de Pelotas – UCPel. E-mail: matias.lenz@ucpel.edu.br

ecológica, a uma mudança de rumo, exigida pela nossa fé, que nos pede um compromisso com um progresso humano autêntico.

2 PROPOSTA DA ENCÍCLICA

Francisco propõe um diálogo sobre o cuidado com a casa comum: “Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta” (14). O assunto é urgente, mas há motivos de esperança: depois de um tempo de confiança irracional no progresso, abriu-se uma etapa de maior conscientização sobre a gravidade da situação. Também outras Igrejas, comunidades cristãs e outras religiões se preocupam com a questão ambiental. A encíclica apresenta o exemplo do Patriarca Ecumênico Bartolomeu I, de Constantinopla, citado extensamente: os crimes contra a natureza são um pecado contra Deus.

Alguns grandes eixos temáticos conferem forte unidade ao documento. Cito três destes eixos: a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo e o conceito inovador de “ecologia integral”. A partir de uma visão global, a encíclica propõe a busca de soluções integrais, que considerem as interações dos sistemas naturais com os sistemas sociais.

3 O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM A NOSSA CASA?

A encíclica lança um alerta: passamos dos limites. “O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do planeta, que o estilo de vida atual – por ser insustentável – só pode desembocar em catástrofes, como aliás já está acontecendo periodicamente em várias regiões” (161). Os danos causados pela depredação ambiental, pela poluição e pelas mudanças climáticas são assustadores. Há um consenso científico muito consistente indicando que estamos enfrentando um preocupante aquecimento do sistema climático. A poluição atmosférica e a degradação produzida anualmente por centenas de milhões de toneladas de resíduos – frequentemente não biodegradáveis - atingem níveis críticos em muitas metrópoles modernas. Essa

poluição produz uma vasta gama de efeitos nocivos sobre a saúde, provocando milhões de mortes prematuras. O impacto da crise ecológica, que atinge a todos, recai mais fortemente sobre os pobres, que não tem como se defender. Com frequência, os responsáveis mascaram os problemas ou ocultam os sintomas. Preocupa a falta de uma reação adequada à gravidade da situação.

A encíclica destaca alguns problemas de maior relevo como a água e a biodiversidade. A água é um direito humano essencial. Negar o acesso à água potável a populações inteiras é negar-lhes o direito à vida. Apesar de alguns avanços, persistem vários fatores que agravam os riscos, mesmo em países desenvolvidos. Outra questão grave é a perda da biodiversidade, com a destruição de florestas e a extinção de espécies, por causa de formas imediatistas de entender a economia e a atividade comercial e produtiva. O desaparecimento de espécies animais e vegetais é uma perda irreparável. Menos visíveis, mas não menos nocivos, são os danos causados aos ecossistemas por agrotóxicos e outros agentes nocivos. Os desastres constantes causados pelo ser humano provocam intervenções, que acabam criando novos problemas, dando origem a um círculo vicioso: para resolver uma dificuldade, agrava-se ainda mais a situação.

Outros temas em destaque são a deterioração da qualidade da vida humana e a degradação social, a desigualdade planetária e a dívida ecológica, particularmente entre o Norte e o Sul, ligada a desequilíbrios comerciais com consequências no âmbito ecológico. A dívida se origina no uso desproporcionado dos recursos naturais, efetuado historicamente por alguns países. O aquecimento causado pelo consumo elevado de alguns países ricos tem repercussões nos lugares mais pobres da terra. A isto acrescem os danos causados pela exportação de resíduos sólidos e líquidos tóxicos para os países em vias de desenvolvimento. Reparar a dívida ecológica dos países mais prósperos em relação aos mais pobres é dever de justiça. O que impressiona, diz ainda o Papa, é a fraqueza da reação política internacional. Hoje a economia comanda as decisões: “A submissão da política à tecnologia e à finança demonstra-se na falência das cúpulas mundiais sobre o meio ambiente” (54). O mais grave é que a degradação da vida humana golpeia mais fortemente os fragilizados e excluídos, “que são a maioria do planeta, milhares de milhões de pessoas” (49).

4 O EVANGELHO DA CRIAÇÃO

As narrações bíblicas, analisadas no segundo capítulo da encíclica, mostram a responsabilidade do ser humano diante da criação. Apresentam a terra como um dom do Criador e um bem de todos. Fazem perceber a existência de um elo entre todas as criaturas, que tem uma origem comum e um valor próprio. “Deus viu que tudo era muito bom” (Gen 1,31). A relação positiva com Deus, com os outros e com a natureza rompeu-se pelo pecado. Em vez de “cultivar e guardar” o jardim da terra, estabelecemos sobre ele uma relação de um domínio absoluto (67).

O texto da encíclica é contundente: “Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. Isto permite responder a uma acusação lançada contra o pensamento judaico-cristão: foi dito que a narração do Gênesis, que convida a «dominar» a terra (cf. *Gn* 1, 28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador. O Papa alerta: esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja. “Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas”. Enquanto «cultivar» quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, «guardar» significa proteger, cuidar, preservar e velar.

Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de protegê-la e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras. Em última análise, «ao Senhor pertence a terra» (*Sl* 24/23, 1). Para a Bíblia, o ser humano não é o dono desta terra, mas hóspede passageiro. Mesmo assim, ocupa uma posição peculiar, que implica numa tremenda responsabilidade (90). Além disso, é preciso dar-se conta que o respeito pelos outros seres da natureza, plantas ou animais, não deve sobrepor-se ao respeito e à compaixão pelas pessoas.

Caminhamos em busca da plenitude. “A meta do caminho do universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal” (83). Temos necessidade de desenvolver a consciência de comunhão universal. Nós e todos os seres do universo, criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, “uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde” (89).

Essa visão implica também em afirmar o destino comum dos bens. Crentes e não-crentes estão de acordo que a terra é, essencialmente, uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos. Por conseguinte, toda a abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos. O princípio da propriedade privada deve servir para a realização do destino universal dos bens.

5 A RAIZ HUMANA DA CRISE ECOLÓGICA

A encíclica examina ainda as causas mais profundas da crise atual, não só os sintomas, em diálogo com a filosofia e as ciências humanas. Apresentam-se duas vertentes: *o paradigma tecnocrático e a mentalidade excessivamente antropocêntrica*. A tecnociência produziu coisas maravilhosas, como se diz no n. 102, que ajudaram a melhorar a qualidade da vida humana. Em contraste, o paradigma tecnocrático, hoje predominante, - homogêneo e unidimensional, - levou à deterioração da natureza e a uma exploração das pessoas, estendendo seu domínio sobre a economia e a política (109). O mercado sozinho não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social.

A raiz desse modelo tecnocrático está no excesso de antropocentrismo, que coloca o ser humano no centro, dando prioridade absoluta aos seus interesses contingentes. Tudo o mais se torna relativo: tudo o que não serve os próprios interesses imediatos se torna irrelevante (122). Esse antropocentrismo exagerado produz a lógica do descartável e leva à degradação humana e ambiental, revelada em diversas formas de dominação. É o caminho que conduz às máfias, ao tráfico de drogas e ao descarte de seres humanos (123). Neste contexto, constituem questões cruciais hoje a valorização do trabalho, a necessidade de investir nas pessoas (128). Um destaque recebe a questão das OGMs, de caráter complexo, que apresenta vantagens e dificuldades (134). A encíclica estimula o debate científico e social, responsável e amplo, sobre essas questões, “que seja responsável e amplo, capaz de considerar toda a informação disponível e chamar as coisas pelo seu nome. Às vezes não se coloca sobre a mesa a informação completa, mas é selecionada de acordo com os próprios interesses, sejam eles políticos, econômicos ou ideológicos” (135).

A encíclica constata que se torna difícil elaborar um juízo equilibrado e prudente sobre as várias questões, tendo presente todas as variáveis em jogo. É necessário dispor de espaços de debate, onde todos aqueles que poderiam de algum modo ver-se, direta ou indiretamente, envolvidos tenham possibilidade de expor as suas problemáticas ou ter acesso a uma informação ampla e fidedigna para adotar decisões tendentes ao bem comum presente e futuro. Conclusão da encíclica sobre o tema: “A questão dos OMG é de carácter complexo, que requer ser abordada com um olhar abrangente de todos os aspectos; isto exigiria um maior esforço para financiar distintas linhas de pesquisa autónoma e interdisciplinar que possam trazer nova luz” (135).

6 UMA ECOLOGIA INTEGRAL

O coração da proposta da encíclica sobre o ambiente, de que trata todo capítulo quarto, é uma *ecologia integral*, “que integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e suas relações com a realidade que o rodeia” (15). Natureza não é algo separado de nós e não uma mera moldura de nossa vida. Tudo está relacionado. O estado de saúde das instituições tem consequências sobre o ambiente da vida humana. Toda lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais, diz o Papa. Há uma relação profunda entre as questões ambientais e as questões sociais: “Dada a amplitude das mudanças, já não é possível encontrar uma resposta específica e independente para cada parte do problema. É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise sócioambiental” (139).

A encíclica atribui papel relevante aos pesquisadores na defesa do meio ambiente: “Devido à quantidade e variedade de elementos a ter em conta na hora de determinar o impacto ambiental dum empreendimento concreto, torna-se indispensável dar aos pesquisadores um papel preponderante e facilitar a sua interação com uma ampla liberdade académica” (140).

Os pesquisadores também nos alertam para a importância crucial dos ecossistemas e sua função vital para nós: “Esta pesquisa constante deveria permitir reconhecer também como as diferentes criaturas se relacionam, formando aquelas

unidades maiores que hoje chamamos «ecossistemas». Temo-los em conta não só para determinar qual é o seu uso razoável, mas também porque possuem um valor intrínseco, independente de tal uso. Assim como cada organismo é bom e admirável em si mesmo pelo fato de ser uma criatura de Deus, o mesmo se pode dizer do conjunto harmônico de organismos num determinado espaço, funcionando como um sistema. Embora não tenhamos consciência disso, dependemos desse conjunto para a nossa própria existência. Convém recordar que os ecossistemas intervêm na retenção do anidrido carbônico, na purificação da água, na contraposição a doenças e pragas, na composição do solo, na decomposição dos resíduos, e muitíssimos outros serviços que esquecemos ou ignoramos” (140). Necessitamos de uma ecologia econômica, social e cultural, que nos faça perceber como se relacionam e integram essas dimensões. É indispensável, ademais, prestar uma atenção especial às comunidades aborígenes, com as suas tradições culturais (cf. 146).

A ecologia integral é inseparável da noção de bem comum, e do compromisso de fazer escolhas solidárias. Só assim deixaremos um mundo sustentável para as gerações futuras. A ecologia integral envolve também a vida diária, nosso estilo de vida, especialmente no ambiente urbano. É fundamental promover um desenvolvimento integral na qualidade da vida humana: espaços públicos, moradias, transportes. Sobre a questão do gênero, a encíclica diz que faz parte da ecologia integral a aceitação do próprio corpo, “na sua feminilidade ou masculinidade ... Não é salutar um comportamento que pretenda cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela” (155).

7 ALGUMAS LINHAS DE ORIENTAÇÃO E AÇÃO

A pergunta é: o que podemos e devemos fazer? Não basta fazer análises, necessitamos de propostas de diálogo e de ação envolvendo cada um de nós, os governos em todos os níveis, inclusive a política internacional, “percursos de diálogo que nos ajudem a sair da espiral de autodestruição em que estamos afundando” (163). Nesta parte da encíclica o Papa insiste na construção de caminhos concretos, o que não deve ser feito de modo ideológico, superficial ou reducionista. A encíclica não pretende oferecer soluções técnicas, mas convida a um debate honesto e transparente, “para que as necessidades particulares ou as ideologias não lesem o bem comum” (188).

Francisco destaca os méritos do movimento ecológico mundial “que já percorreu um longo caminho” (166), enquanto lamenta que as cúpulas mundiais não tenham dado os resultados esperados, por falta de decisão política e de acordos eficazes. A encíclica critica a falta de “honestidade, coragem e responsabilidade” dos grandes poluidores e afirma: “As negociações internacionais não podem avançar significativamente por causa das posições dos países que privilegiam os seus interesses nacionais sobre o bem comum global.” E pede a Deus pela evolução positiva nos debates atuais – uma alusão à Conferência das Nações Unidas sobre o Clima, em Paris, em dezembro de 2015 -, “para que as gerações futuras não sofram as consequências de demoras imprudentes” (169).

Para o encaminhamento das questões ambientais precisamos de formas e instrumentos eficazes de governança global. Os mercados não dão conta de defender ou promover o meio ambiente. O documento insiste no desenvolvimento de processos de decisão honestos e transparentes, sujeitos ao diálogo, que resultem no discernimento de quais políticas e iniciativas empresariais poderão levar “a um desenvolvimento verdadeiramente integral” (185). A corrupção leva a acordos ambíguos, que fogem ao dever de informar e a um debate profundo.

Particularmente significativo é o apelo que o Papa Francisco faz aos que detêm cargos políticos, para que se distanciem da “lógica eficientista e imediatista” (181), hoje dominante na política, deixando um testemunho de generosa responsabilidade.

8 EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICAS

Para concluir, a encíclica oferece indicações de como realizar a conversão ecológica. As raízes da crise ecológica agem em profundidade e não é fácil reformular hábitos e comportamentos. Os desafios centrais são a educação e a formação ambiental: “toda mudança tem necessidade de motivações e de um caminho educativo” (15), envolvendo os diferentes ambientes educacionais como a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese. A mudança de estilo de vida abre a possibilidade de “exercer uma pressão salutar sobre quantos detêm o poder político, econômico e social” (206). Isso acontece quando as escolhas dos consumidores conseguem a mudanças do comportamento das empresas, “forçando-as a reconsiderar o impacto ambiental e o modelo de produção” (206).

A ecologia integral é feita também de simples gestos quotidianos, como reduzir o consumo de água, separar o lixo ou apagar as luzes desnecessárias. Tudo isso será mais fácil a partir de um olhar contemplativo que vem da fé. Segundo a proposta de *Evangelii Gaudium*: “A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora” (223). Assim torna-se possível voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade com os outros e com o mundo, que “vale apenas ser bom e honesto” (229).

S. Francisco de Assis é muitas vezes mencionado na *Laudato Si'* como exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria. Por sua vida, esse santo nos mostra como “são inseparáveis a preocupação com a natureza, a justiça para com os pobres, o empenho na sociedade e a paz interior” (10). A encíclica recorda também os exemplos de S. Bento, Santa Teresa de Lisieux e do Beato Charles de Foucauld. Cita autores como Romano Guardini, cientistas como Teilhard de Chardin, e documentos de bispos dos cinco continentes. O exame de consciência deverá incluir não só a comunhão com Deus, com os outros e consigo mesmo, mas também nossa comunhão com a natureza. A encíclica termina com duas belas orações: “Oração pela nossa terra” e “Oração cristã pela criação”.

9 CONCLUSÃO: ALGUMAS REAÇÕES À ENCÍCLICA

A encíclica suscitou enorme reação, com posicionamentos predominantemente positivos. Mas houve também questionamentos, sobretudo em questões polêmicas (por exemplo, as restrições da encíclica ao uso dos plásticos e as críticas ao capitalismo globalizado).

Massimo Faggioli, historiador italiano, professor de História do Cristianismo da Universidade de St. Thomas, em Minnesota, USA, avalia: “O Papa Francisco se apresenta hoje como a voz global mais autorizada contra a tecnocracia e os problemas ecológicos e humanos que ela produz”ⁱⁱ. Quem buscava descontinuidades doutrinárias na *Laudato Si'*, ficou decepcionado. Assim, segundo o Papa Francisco, a verdadeira ecologia não pode aceitar o aborto. Sobre a identidade sexual: cuidar da criação significa respeitar as diferenças sexuais, sem desconhecê-las ou achatá-las. A *Laudato Si* representa uma continuação do discurso iniciado na exortação apostólica “*Alegria do Evangelho*” (2013), um discurso pós-moderno, com citações

de Romano Guardini e com referências à mística cosmológica de Teilhard de Chardin. A verdadeira mensagem do Papa Francisco é política, pensa Faggioli, pela crítica ao paradigma tecnocrático, que impôs um modelo de desenvolvimento e consumo. É política também porque é preciso uma ação política para proteger os pobres e a criação, os dois protagonistas da *Laudato Si'*. O Papa tem palavras duríssimas contra a má gestão da crise financeira global de 2007-08, e a decisão de salvar os bancos a qualquer custo. Cobra também mais ação política dos Estados em nível internacional para enfrentar a crise ambiental.

Na visão do renomado pesquisador ambiental alemão Hans Joachim Schellnhuber, criador e diretor do “Potsdam Institute for Climate Impact Research” (PIK), - que se declara agnóstico -, o estado científico da questão é analisado de forma muito pertinente na encíclica. De grande significado para ele é que o Papa consegue harmonizar a visão científica e religiosa da questão. A seu ver, essas visões não se contradizem e só juntando essas duas perspectivas é possível dar conta da complexidade da questão. Schellnhuber foi um dos convidados do Papa ao lançamento da Encíclicaⁱⁱⁱ.

O Diretor da Associação Industrial Italiana, Massimo Medugo, diz que esta é a primeira encíclica em que se encaram de maneira abrangente os problemas ambientais. Há pelo menos 20 anos, perguntava-se dentro da Igreja como explicar a ecologia humana em todas as suas formas e, mesmo antes da publicação, havia muitas expectativas diversas relativas à manifestação da Igreja. O tema da ecologia divide o mundo inteiro: ecologistas contra indústrias, defensores dos animais contra pecuaristas e laboratórios farmacêuticos, agricultores contra ambientalistas radicais, petroleiras contra organizações ambientais, crentes contra evolucionistas... Apesar das opiniões diferentes, um primeiro resultado da encíclica de Francisco tem tido efeito positivo: o papa foi além dos conflitos e divisões e propôs uma visão unificada^{iv}.

O Presidente americano Barak Obama ressaltou a mensagem forte e clara da encíclica, que exorta os poderosos do mundo a agir com mais rapidez para salvarem o planeta, ameaçado de devastação pelas mudanças climáticas e pelo consumismo. Pensa que os Estados Unidos devem ser líderes neste esforço. François Hollande, presidente da França, comentou: “enquanto a França se prepara para receber as negociações climáticas, saúda este chamado à opinião pública mundial e a seus governantes”^v. Michelle Bachelet, Presidente do Chile, propôs a

criação de uma aliança público-privada que possa afrontar de forma conjunta as mudanças climáticas que ameaçam seu país.

Segundo reportagem publicada na IHU^{vi}, a encíclica do Papa Francisco reserva algumas vultosas surpresas nas citações que introduz: o Pe. Teilhard de Chardin fez uma majestosa entrada, assim como um famoso sábio muçulmano, o sufi Ali Al-Khawwas. Os católicos tradicionalistas criticaram a citação desses nomes^{vii}.

No Brasil, as reações foram discretas. Rubens Recúpero, ex-ministro do Ambiente e da Amazônia Legal, comentou que a encíclica usa uma linguagem moderada mas traz um discurso radical. Se não houver uma mudança radical no sistema de organizar a economia e a sociedade, o problema ambiental não terá solução. Para Recúpero, o documento é profético. Apresenta exigências para além do que as pessoas estariam dispostas a aceitar. Uma novidade é a ideia do decrescimento das sociedades mais avançadas como algo necessário, o que é uma postura diferente das Nações Unidas ou mesmo dos ambientalistas – uma ideia das mais radicais.

Para Leonardo Boff, a grande novidade desta encíclica é o conceito de ecologia integral: “A absoluta novidade consiste em que a encíclica assume o novo paradigma contemporâneo segundo o qual tudo forma um grande todo com todas as realidades interconectadas, influenciando-se umas às outras. Isso faz superar a fragmentação dos saberes e confere grande coerência e unidade ao texto. Nem a ONU produziu um texto desta natureza”^{viii}.

Denis Lerrer Rosenfield, professor de Filosofia da UFRGS, em comentário publicado no Estado de S. Paulo^{ix}, destaca a crítica do Papa às empresas internacionais que estariam preocupadas só em saquear os recursos naturais das regiões de grande biodiversidade como a Amazônia e a bacia tropical do Congo e os grandes lençóis freáticos e glaciares. Diz que, na perspectiva da Encíclica, os movimentos sociais e as ONGs ambientais e indigenistas seriam os interlocutores privilegiados do mundo político, em escala planetária, para orientar a gestão dos recursos naturais da floresta amazônica, embora reconheça que o Papa se declare contra a internacionalização da Amazônia.

Dom Cláudio Hummes, Presidente da Comissão episcopal da Amazônia, ressalta a importância de o Papa afirmar que há uma dívida ecológica. Para ele, a *Laudato Si* vale também para quem já destruiu.

Na percepção de pesquisadores e ambientalistas, essa encíclica chegou em boa hora. Em dezembro de 2015 reúne-se em Paris a 21ª Conferência das Nações Unidas sobre o Clima, da qual se esperam medidas cruciais, necessárias para reduzir drasticamente as emissões gases de efeito estufa. Resta saber qual será a reação dos responsáveis diante não só dos apelos do Papa, mas do grito da natureza e do clamor dos povos.

REFERÊNCIAS

ⁱ Papa Francisco. *Laudato Si' – Louvado Sejas, sobre o cuidado da casa comum*. S. Paulo: Paulus e Edições Loyola, 2015.

ⁱⁱ UNISINOS - IHU online, 19.06.2015 (www.ihu.unisinos.br).

ⁱⁱⁱ As pesquisas sobre clima de Schnellenhuber podem ser acompanhadas em www.pik-potsdam.de.

^{iv} Medugo deu entrevista a Zenit, publicada no IHU on line, em 19-06-2015).

^v Ver comentários publicados na pagina da Radio Vaticana em 19.06.2015 (www.vatican.va).

^{vi} IHU online, 26.06.2015.

^{vii} A reportagem citada por IHU é de Michel Danthe e publicada por Le Temps, 20-06-2015.

^{viii} Entrevista de Leonardo Boff, em: IHU online, 18-06-2015.

^{ix} O Estado de S. Paulo, 29 de junho de 2015.